The Gift of
The Associates of
The John Carter Brown Library

NA SAUDOZA MORTE
DE
SUA ALTEZA REAL
O SENHOR
D. JOSEPH
PRINCIPE QUE FOI DO BRAZIL.

POR

J. S. F. de C.

ELEGIA.

LISBOA

Na Officina de FILIPPE DA SILVA E AZEVEDO,

ANNO M.DCC.LXXXVIII.

Com Licença da Real Meza da Commissaõ Geral, sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Felix dicebar, eramque

Non ita Diis visum est: & nunc quoque forcitan essem.

Ouvid Metamorf. L. 7. F. 6.

ELEGIA.

JA', a palida morte dezampara,
(Na maõ cruel a fouce conduzindo)
A trifte gruta, que antes habitara.

A' prezença de Jove vai fubindo,
E mandada por elle ao Regio Leito;
Qual raio fobr' a terra vem caindo.

Affim como a ninguem guarda refpeito,
O faminto Leaõ da Libia ardente
Se prêza encontra que lhe faça geito.

Assim a cruel morte irreverente,
Quebrantando a Real immunidade,
Hum Principe nos rouba de repente.

Oh lance mais cruel da nossa idade!
Que penhas haveraõ, que duros montes,
Que ao velo se naõ enchaõ de piedade.

Eu já dos Rios vejo, e mansas fontes
O murmurio suspenso; e até vejo,
Que Febo hoje naõ guia seus Ethontes.

Já findou para nós todo o festejo,
Sómente sepultar nossa alegria,
Fora dos meus dezejos, o dezejo.

O Prado que de flores se vestia,
Mostrando ser desdem da Primavera,
Só funesto amaranto, e abrolhos cria.

Triste o Pastor a flauta destempera,
Capelas desmanchando de mil flores,
Que algum dia contente ali tecera.

Só de noute se escutaõ os clamores,
Do triste, feio Mocho, que grasnando
Nos mizeros mortaes infunde horrores.

Tudo para sentir nos 'stá chamando;
E os funebres signaes que se divizaõ,
O cazo certeficaõ mizerando.

Da Corte as Praças todas se matizaõ,
De Espectaculos tristes : enlutadas
De Marte as gentes vagarozas pizaõ.

Estandartes, bandeiras arrastradas,
E tudo no silencio mais profundo,
As caixas vaõ soando destemprádas.

Os alegres clarins, que em todo mundo
Annunciadores saõ da Marcia lida,
Mal se escutaõ gemer: eu me confundo!!

A gente corre toda espavorida,
Toda sentindo a mesma infausta sorte,
Seu Principe lamentaõ já sem vida.

Cauza triſteza olhar a toda a Corte,
Dezanimados vendo huns membros della
Outros ſugeitos quaſi á meſma morte.

Quem póde em tanto mal uſar cautela!
Que filhos haveraõ, que naõ dem ais
Se lhes faltar o Pai, que os rege, e zela.

O' Lizia, triſte Lizia! em vaõ chamais
O voſſo Protector, O voſſo Amparo,
Já de nós ſ' apartou, naõ torna mais.

A' maneira do Sol brilhante, e claro,
Piza contente a azulada esfera,
Dos homens ſendo já prodigio raro.

Já do Mundo naõ ſofre a vil quimera,
Já naõ receia a Parca inexoravel,
Que cumpre nos mortaes a Lei ſevera.

O ſeu prazer agora he preduravel,
Lá naõ ha quem ſe queixe da ventura
Lá naõ ſe ſente perda memoravel.

Mas noſſos peitos cheios de ternura,
Só nos levaõ em lance taõ eſtreito
A regar-lhe com pranto a ſepultura.

Ahi curvados ſobre o aflicto peito,
Em leve cinza vemos reduzido
Do Principe Sobrano, o Regio aſpeito.

Ahi reconhecemos já perdido,
Aquelle Heroe, que a fama decantava,
Por modelo de Principes ter ſido.

Aquelle, que por nós conſtante orava
Aos pés d'Auguſta Mãi, que o attendia,
E já mais o pedido lhe negava.

Aquelle Auguſto Heroe, que repartia,
Liberal com a mizera pobreza,
Os Reaes bens, que ſempre poſſuia.

Aquelle que do Mundo a vaã grandeza
Em pouco apreciava, e que ſó tinha
As virtudes moraes por nobre empreza.

Aquelle, de quem ſempre foi vizinha
A nobre manſidaõ; ſeguindo os paſſos
Do Pai, e d'Auguſtiſſima Rainha;

Aquelle Juſticeiro em cujos braços,
A balança d'Aſtréa equilibrava
Pendendo ſempre igual, ſem embaraços.

Aquelle, que amorozo apadrinhava,
Os filhos de Minerva com frequencia
Porque cultos tambem lhe tributava.

Aquelle em fim, que foi na reziſtencia;
Dos vicios neſta vida qual rochedo,
Que naõ teme das ondas a violencia.

Aquelle, que ſoffreo com roſto ledo
A palida doença tranzitoria,
Sem nelle ſe encontrar infame medo.

Mas quanto mais trazemos á memoria,
Tantas virtudes mais no peito creſcem
Triſtes lembranças da paſſada gloria.

Os olhos cada vez mais ſe humedecem,
E á viſta de perda taõ tiranna
Os males vaõ ſubindo, e nunca deſcem.

Tu a culpada foſte, oh morte inſana,
Das lagrimas, que vérte Portugal,
Tu lhe tiraſte a vida: ah inhumana!

Tu

Tu a origem do noſſo acerbo mal;
Tu meteſte cruel noſſa alegria
Na urna da ſaudade: oh dor fatal!

Já para nós naõ ha brilhante dia,
Naõ veremos do Sol os reſplandores.
Viveremos cercados d'agonia.

Dos Cortezaõs fugindo, e dos Paſtores,
Vamos viver na gruta da triſteza,
Soltando rocos ais, triſtes clamores.

Mas deixa Muza, deixa a triſte empreza,
Que o canſado diſcurſo já neſt'hora,
A ordem dos ſentidos tenho preza.

Ao alto Pindo voa, ſem demora,
E junta co' as mais Ninphas tutelares,
Eſta pena cruel, e fatal chora.

E vòs Tajades minhas ſingulares,
Que já cansões formaſte em ſeu louvor,
Vivei hoje cercadas de pezares.

Deixai de voſſas galas o primor,
Croai-vos de Cipreſte, e d'Amaranto,
Em ſignal de triſteza, magoa, e dor.

Fugi, fugi daqui cheias d'eſpanto,
Morreu da noſſa Patria o Senhorio,
Finalize hoje o voſſo alegre canto.

Deixai pois eſte Boſque taõ ſombrio,
E de pranto em ſignal de ſentimento
Formai Ninfas, formai hum novo Rio.

Que eu ſuſpiros ſoltando cento, a cento,
O Mundo informarei deſta diſgraça
Voando ſobr'as azas do tormento.

Mas eſta dor que tanto nos traſpaça,
Parece que ſe vai ſuavizando
Do Auguſto Joaõ c'o a Regia graça.

Já nelle o Céo nos vai hoje moſtrando,
Hum retrato fiel daquelle Auguſto,
Por quem hoje eſtá Lizia em vaõ cho-
(rando.

Só tu lhe podes minorar o susto,
Com taõ raras virtudes supriores,
Virtudes d'hum Eroe prudente, e justo.

E Vós Sabia Rainha, que os clamores
Do Vosso Povo ouvis tambem choroza,
Ouvi da Fama os eccos voadores.

Elles louvaõ a Eterna Maõ poderoza
Que faz tornar querendo n'hum instante,
O dia alegre, em noute pavoroz.

E a Vós Princeza Augusta, Espoza Amante,
Naõ me permitte a minha indignidade,
Que vos console em dor taõ penetrante.

Dos tempos a cruel voracidade;
Que tudo gasta, e tudo poem por terra,
Inda a pezar da dor que o peito encerra,
Feliz ha de tornar a nossa idade.

F I M.

05-85

42

NA LAMENTAVEL MORTE
DO
SERENISSIMO SENHOR

D. JOSÉ,
PRINCIPE DO BRAZIL.
JOZINO

EGLOGA DEPLORATORIA

POR
ANTONIO JOAQUIM DE CARVALHO.

LISBOA,
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M. DCC. LXXXVIII.

Com licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

C788
S255d